

LER POESIA NO ENSINO BÁSICO: MEMÓRIA, MÚSICA E MATRIZ

Metas Curriculares de Português - Educação Literária

Conceição Pereira
 Professora de Português
 Coordenadora de Departamento
 Formadora
 Agrupamento de Escolas de Linda-a-Velha e Queijas
 mcpereira61@gmail.com

O título desta revista dedicada à língua portuguesa, uma citação do poema “Lamento para a língua portuguesa” de Vasco Graça Moura, serve de mote às considerações que teço sobre a leitura de poesia no ensino básico, do primeiro ao nono ano, de acordo com as Metas Curriculares de Português para o Ensino Básico (MCP), que, no próximo ano letivo, serão já aplicadas em todos os anos de escolaridade, e são a base da reflexão aqui apresentada.

Efetivamente, se a língua portuguesa é “memória, música e matriz” de toda uma literatura, é também verdade que a consciência literária, nomeadamente no que diz respeito à poesia, começa a ser trabalhada com os alunos a partir do momento que estes iniciam a aprendizagem da leitura. De acordo com as MCP, inicia-se a abordagem da poesia como música logo no primeiro ano de escolaridade, enfatizando-se a relação da poesia com o som, sendo a matriz, temática e formal, e a sequencialidade histórica evidenciadas mais tarde, mas sem que a musicalidade da poesia deixe de estar presente.

No primeiro ciclo, nos dois primeiros anos de escolaridade, inicia-se a aprendizagem da literatura nos domínios da Introdução à Educação Literária e da Leitura, e igualmente no que diz respeito à Oralidade, tanto relativamente à audição como à expressão oral. A preponderância dada ao modo como a poesia soa é notória, tanto relativamente aos descritores de desempenho, como nas escolhas de poemas para os alunos ouvirem e lerem em voz alta ou dizerem de cor. No primeiro ano de escolaridade, em que está prevista a leitura e/ou audição de vinte e seis poemas, começa-se pela identificação de palavras que rimam em textos escutados e lidos, e espera-se que os alunos digam trava-línguas e pequenas lengalengas, assim como pequenos poemas memorizados (MCP, p.11). No segundo ano, além das rimas, há que descobrir outras regularidades na cadência dos versos; além dos poemas e das lengalengas, os alunos dizem igualmente adivinhas rimadas e deverão ser capazes de ler pequenos poemas em coro (MCP, pp.18-19).

Os três poemas seguintes, “Adivinha”, de Eugénio de Andrade, e o trava-línguas recolhido por Luísa Ducla Soares, do primeiro ano, e “Colar de Carolina” de Cecília Meireles, do segundo, permitem exemplificar os descritores referidos no parágrafo anterior.

Nos três poemas citados antes, é evidente a preponderância do som, tanto na rima, como nou-



Adivinha

Não é galo nem galão,
nem padre nem sacristão:
é um animal esquisito,
entre peru e pavão,
tem barbas ruivas de milho,
tem olhos de crocodilo,
rabo de gato ou de cão,
ão ão ão!

Eugénio de Andrade,
Aquela Nuvem e Outras

Esta burra torta trota,
trota, trota a burra torta,
trinca a murta, a murta brota,
brota a murta ao pé da porta.

Luísa Ducla Soares,
Destrava Línguas

tro tipo de regularidades, nomeadamente na repetição de palavras, na paronomásia, típica dos trava-línguas, e na aliteração, esta muito visível no poema de Cecília Meireles. Repare-se que o léxico usado poderá não ser todo conhecido dos alunos, mas não é fundamental que os alunos o reconheçam ou que o professor explore esse aspeto.

No terceiro ano, além dos desempenhos já adquiridos nos anos anteriores, os alunos reconhecem “regularidades versificatórias (rima, sonoridades, cadência)” (MCP, p. 24) e, no quarto ano,

são introduzidos conceitos gerais de versificação (estrofe, verso e rima), assim como a onomatopeia (MCP, p. 32). “Memorizar e dizer poemas” (MCP, pp.25 e 33) obedece a critérios de adequação no que se refere à entoação e à clareza. Seguindo este percurso pela poesia lida, escutada e dita, chega-se à escrita da poesia, de modo a que os alunos escrevam “pequenos poemas rimados” (p. 33). A título de exemplo, citam-se dois poemas a ler no terceiro e quarto anos.

Os dois textos citados, “Casamento” de Luísa Ducla Soares (terceiro ano) e “Amarelo” de Ma-

Colar de Carolina

Com seu colar de coral,
Carolina
corre por entre as colunas
da colina.

O colar de Carolina
colore o colo de cal,
torna corada a menina.

E o sol, vendo aquela cor
do colar de Carolina,
põe coroas de coral

nas colunas da colina.

Cecília Meireles,
Ou isto ou Aquilo



ilustração de Ana Cristina Inácio



ilustração de Juan Soutullo

Casamento

Casei um cigarro
com uma cigarra
Fizeram os dois
tremenda algazarra

Porque o cigarro
não sabe cantar
E a cigarra
detesta fumar.

Não digam que errei
Mania antipática
Só cumpri a lei
Que manda a Gramática.

Luísa Ducla Soares,
Poemas da Mentira e da Verdade

Amarelo

Como o sol é bom pintor!
Dos seus raios faz pincel:
Pinta os pintos cor de mel,
pinta o trigo de igual cor.
Veste d'ouro quanta flor
Eu trago na minha mão:
Junquinhos, que lindos são!
À margarida singela
Aloira-lhe o coração
e esgota a tinta amarela,
nas bananas, no limão.

António do Couto Viana,
Poemas de Cacacá

nuel do Couto Viana (quarto ano) revelam uma progressiva complexidade na seleção dos poemas: o primeiro pela introdução de elementos de nonsense, o segundo pelo uso metafórico da linguagem, mas sem que a musicalidade deixe de estar em primeiro plano.

No segundo ciclo, a construção do ritmo na poesia é evidenciada através da introdução dos conceitos formais de versificação (estrofe - terceto, quadra, quintilha- e verso -rimado e livre), assim como da distinção entre sílaba métrica e sílaba gramatical, no quinto ano (MCP, p. 39), acrescentando-se, no sexto ano, as noções de rima toante e consoante, o esquema rimático e as rimas emparelhada, cruzada e interpolada (MCP, p. 46). Repare-se que a matriz formal começa a delinear-se no quinto ano, tal como a matriz temática, com a identificação dos “temas dominantes do texto poético” e a identificação de “relações, formais ou de sentido, entre vários textos, estabelecendo semelhanças ou contrastes.” (MCP, p. 40). Este último descritor aponta já, de algum modo, para uma continuidade histórica de formas e temas, apesar de esta questão vir a ser ensinada explicitamente apenas no ciclo seguinte. A identificação de contextos históricos e de mundos imaginários (MCP, p. 47) faz parte dos desempenhos a realizar no sexto ano, assim como o reconhecimento dos “aspectos da linguagem que conferem a um texto qualidade literária” (MCP, p. 46).

Quanto aos recursos expressivos, além da onomatopeia, estudada no quarto ano, no quinto ano aborda-se também a enumeração, a personificação e a comparação (MCP, p. 40), a que se adicionam, no sexto ano, a anáfora, a perífrase e a metáfora (MCP, p. 46). O poema de Luísa Ducla Soares “Medidas”, uma escolha possível para o quinto ano, constrói-se com base em expressões metafóricas, enformando, portanto, de alguma complexidade, e o trabalho com os alunos pode passar pela descodificação das metáforas, mas ainda sem explicitar o conceito, uma vez que este é estudado enquanto tal apenas a partir do sexto ano.

Medidas

Que metro mede
Uma grande alegria?

Em que poço cabe
Um profundo desgosto?

Como saber a temperatura
Dum amor ardente?

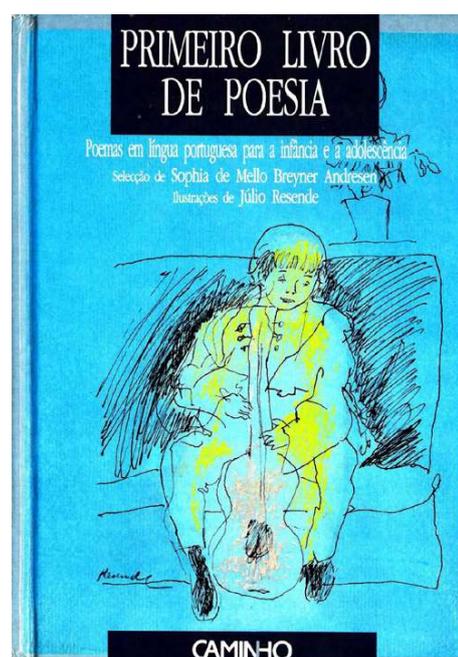
A que altura
Voa o pensamento?

Luísa Ducla Soares,
A cavalo no tempo



ilustração de Teresa Lima

No sexto ano, além da leitura de dois romances tradicionais, “A bela infanta” e “A nau Catrineta”, poemas que há muitas gerações são lidos na escola, lê-se *As naus de verde pinho*, de Manuel Alegre, um poema narrativo longo, assim como dezasseis poemas (oito de autores portugueses e oito de autores lusófonos) a selecionar pelo professor a partir da escolha de Sophia de Mello Breyner Andresen, que reuniu no *Primeiro Livro de Poesia* (PLP) oitenta “obras de poetas de todos os países de língua oficial portuguesa” (PLP, p. 185). A escolha deve ser criteriosa, evitando os poemas lidos prévia ou posteriormente e tendo consciência de que a antologia está organizada “começando pelos poemas mais simples e



caminhando de página em página até ao tempo da adolescência.” (PLP, p. 185). Embora o descritor que diz respeito às relações temáticas entre textos esteja explicitado no quinto ano, e não no sexto, será interessante para professores e alunos relacionar os dois romances tradicionais, sobretudo “A Nau Catrineta”, com “As naus de verde pinho” e com alguns poemas selecionados do Primeiro Livro de Poesia, tais como “Santos” de Ribeiro Couto, “Porto Grande” de Terêncio Anahory ou “Prelúdio” de Jorge Barbosa, identificando os respetivos contextos históricos e abrindo caminho para a identificação e justificação de “temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência” (MCP, pp. 53, 60, 67), descritor de desempenho transversal a todo o terceiro ciclo.

No terceiro ciclo, o sétimo ano é o momento de sistematizar os “elementos constitutivos da poesia lírica (estrofe, verso, refrão, rima, esquema rimático)” (MCP, p. 53), já abordados anteriormente, continuando, assim, a perspetivar-se a poesia como música, até porque se mantém a

Autorretrato

O’Neill (Alexandre), moreno português,
cabelo asa de corvo; da angústia da cara,
narigete que sobrepuja de través
a ferida desdenhosa e não cicatrizada.
Se a visagem de tal sujeito é o que vês
(omita-se o olho triste e a testa iluminada)
o retrato moral também tem os seus quês
(aqui, uma pequena frase censurada...)
No amor? No amor crê (ou não fosse ele O’Neill!)
e tem a veleidade de o saber fazer
(pois amor não há feito) das maneiras mil
que são a semovente estátua do prazer.
Mas sofre de ternura, bebe de mais e ri-se
do que neste soneto sobre si mesmo disse...

Alexandre O’Neill,
No Reino da Dinamarca

“leitura oral (individualmente ou em grupo), recitação e dramatização de textos” (MCP, pp. 54, 61), mas evidenciando-se já, de um modo muito claro, a ideia da poesia como matriz e como memória. De facto, os temas matriciais da poesia estão presentes na seleção de poemas apresentada que privilegia, entre outros temas, a expressão de sentimentos (amor, amizade, tristeza) e de si mesmo, o sonho, a infância, a crença religiosa, a morte, o quotidiano, a viagem e o espaço (urbano e natural). Como tal, é desejável evidenciar este aspeto, relacionando poemas entre si, lidos através de uma linha condutora num mesmo ano de escolaridade e convocando leituras efetuadas em anos anteriores, explorando os recursos expressivos já estudados antes e também, no sétimo ano, a aliteração, o pleonasmo e a hipérbole, e, no oitavo ano, a antítese, a perífrase, o eufemismo e a ironia, retomando todos os recursos no nono ano.

Os dois sonetos citados em seguida, “Autorretrato” de Alexandre O’Neill (sétimo ano) e “Magro, de olhos azuis, carão moreno” de Bocage (oitavo

Magro, de olhos azuis, carão moreno,
Bem servido de pés, meão na altura,
Triste de facha, o mesmo de figura,
Nariz alto no meio, e não pequeno:

Incapaz de assistir num só terreno,
Mais propenso ao furor do que à ternura;
Bebendo em níveas mãos por taça escura
De zelos infernais letal veneno:

Devoto incensador de mil deidades
(Digo, de moças mil) num só momento,
E somente no altar amando os frades:

Eis Bocage, em quem luz algum talento;
Saíram dele mesmo estas verdades
Num dia em que se achou mais pachorrento.

Bocage,
Rimas

ano) exemplificam a importância de ler convocando leituras anteriores, estabelecendo relações temáticas e formais, pois, além de abordarem o mesmo tema, o soneto de O'Neill é uma reescrita do poema de Bocage.

Quanto à forma, embora as MCP refiram o soneto explicitamente apenas no nono ano, a forma terá de ser trabalhada antes, não só porque, logo no sétimo ano, podem escolher-se sonetos de Florbela Espanca, Vitorino Nemésio e David Mourão Ferreira, mas igualmente, no caso do poema de O'Neill, pelo facto de o poeta referir o soneto no seu poema. Trata-se de um "soneto inglês" que tanto pode estar disposto em três quadras e um dístico, ou ser apresentado como o de O'Neill, que é também a forma usada por Shakespeare, com a qual os alunos poderão contactar no oitavo ano através da leitura do "Soneto XCVIII (De ti me separei na Primavera)" do autor inglês. Ainda no que se refere ao soneto, é incontornável a relação entre o "Soneto 132 (Se amor não é, qual é meu sentimento?)" de Petrarca e os sonetos de Camões e Sá de Miranda, autores lidos no oitavo ano, a par de sonetos de Nicolau Tolentino de Almeida, Antero de Quental e António Nobre e igualmente de Camilo Pessanha, Ruy Belo, Gastão Cruz e Nuno Júdice, autores de sonetos lidos no nono ano.

Se a memória, isto é, a perspetivação histórica da literatura, é manifesta na indicação da leitura de textos de diferentes épocas (MCP, pp. 53, 61, 67), e no objetivo do nono ano de "situar obras literárias em função de grandes marcos históricos e culturais" (MCP, p. 68), é notório, pelo que atrás ficou exposto, que através de uma só forma poética, neste caso o soneto, é possível perspetivar historicamente a literatura, uma vez que, iniciado com Petrarca, é uma forma que perdura até aos nossos dias, e a seleção de poemas das MCP é bem reveladora da sua importância.

Os poemas escolhidos para ler no oitavo ano, dezasseis ao todo, podem ser selecionados tendo em conta uma perspetiva histórica, começando na poesia trovadoresca (na versão de Natália

Correia), passando por João Roiz de Castel Branco, Camões, Sá de Miranda, Nicolau Tolentino, Bocage, Almeida Garrett, Cesário Verde e outros poetas do século XIX. Embora não se especifique em nenhum objetivo ou descritor a abordagem da poesia enquanto memória, isto é, encarada numa sequência histórica, a seleção de poemas aponta para essa mesma sequência, sendo de explorar questões temáticas e formais que atravessam os poemas, assim como o modo como vai surgindo a inovação temática e formal.

No último ano do ensino básico leem-se poemas de autores do século XX que podem e devem ser lidos convocando poemas estudados em anos anteriores. Este é um momento em que muitos dos desempenhos e conhecimentos estão já adquiridos, tratando-se de os aprofundar e sistematizar; é também o fim de um ciclo que deve ter conseguido preparar os alunos para a leitura mais difícil de todo o percurso: o poema épico *Os Lusíadas* de Luís de Camões que encerra em si a memória, música e matriz de toda uma literatura.

